

# Afinal, quanto vale a nossa consulta?

Jayme de Oliveira Filho

Eu me lembro muito bem, há alguns anos atrás, quando de uma consulta para uma criança de oito anos com quadro diagnóstico de impetigo na face, que eu diagnosticara assim que o menino entrou na minha sala acompanhado de sua mãe.

Logo após do exame consumado, voltamos a sentar para que eu orientasse o tratamento para a mãe do garotão.

Enquanto eu finalizava a receita, percebi que o menino “cochichava” algo com a sua mãe, ouvindo o que o garoto comentava:

— Mãe, só por esta olhadinha ele vai cobrar tudo aquilo?

A mãe, corada, sem graça respondeu:

— Filho, preste atenção no doutor!

E ele realmente me fitava algo incrédulo, talvez pensando:

— Quando eu crescer, quero ser dermatologista!

Aquilo sempre ficou na minha memória, mas recuperei esses dados quando atendi, há algumas semanas, um executivo daquele tipo que está sempre apressado, parecendo ser o responsável pela garantia da “paz mundial”, segurando seus inúmeros celulares na mão enquanto mostrava-me um cisto sebáceo na região cervical.

Quando perguntado se poderia ser feita a retirada da lesão naquele momento, ele confirmou, dizendo:

— Claro que sim, eu vim para resolver o problema, pois minha secretária não conseguiria outro horário nas próximas semanas!

Submetido à cirurgia, logo pediu para que eu preenchesse um relatório médico que trazia consigo, para o devido reembolso.

Ao preencher o tal papel, eu coloquei na discriminação dos valores:

Consulta:	X
Cirurgia:	X
Total:	2 X

Ele, acompanhando atentamente meu preenchimento, saiu com esta:

— Eita bolinha cara, hein, doutor?

Subi o olhar por cima de meus óculos e perguntei-lhe:

— O senhor conhece a história do “Zé da chave de fenda”!?

E ele acenou negativamente com a cabeça.

Então, eu comecei:

— Havia uma indústria — com mais de cinco mil empregados — que tinha parado totalmente o seu funcionamento há uma semana em razão de uma pane geral, a qual afetou o sistema principal de computadores da empresa.

Apesar de vários profissionais já terem tentado de tudo para a resolução do processo, ninguém conseguia devolver o funcionamento à indústria.

Já com quase 20 dias de tensão, lembraram ao incrédulo dono da fábrica, que o *Zé da chave de fenda* operava verdadeiros milagres. Depois de muita insistência, ele pediu a intervenção do rapaz.

E lá chegou ele, com uma chave de fenda nas mãos e um jeito calado e maroto, pedindo que o levassem à sala do computador principal da empresa.

Observou por alguns minutos o complexo aparelho, aproximou-se do centro deste e apertou um entre centenas de parafusos que sua visão avistava.

Foi o suficiente para tudo voltar a funcionar!!!

O industrial e seus diretores exultaram em alegria e alívio.

E o rapaz ficou ali no seu canto.

Então, o senhor se aproxima e pergunta:

— Quanto lhe devo?

O rapaz fala baixinho:

— R\$ 20.000,00.

— Quanto? — gritou nervoso o executivo. Você vem aqui, fica alguns minutinhos, pega esta chavinha de fenda, aperta um parafuso e cobra tudo isso?! Eu exijo um relatório de seus procedimentos, imediatamente!

— Pois não, falou o rapaz todo humilde.

Pegou um papel e escreveu:

Aperto de um parafuso:	R\$ 1,00
Saber qual parafuso:	R\$ 19.999,00
Total:	R\$ 20.000,00

Acabando a minha história, olhei para o executivo que atendera e finalizei:

— O negócio é saber qual é o parafuso, não é mesmo?

E, sem graça, o importante senhor despediu-se de mim.

*Conclusão “dermais”:*

Quase nunca o tempo de execução é proporcional à importância do resultado!

**Jayme de Oliveira Filho**

*Professor Titular de Dermatologia da  
Universidade de Medicina de Santo Amaro*

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*